

# A escola brasileira

ZIRALDO\*

A informação necessária para a sobrevivência do homem ele a adquire no próprio ato de viver. Educação é o ordenamento dessa informação. A fonte geradora da educação é a escola e é ali que o homem vai, criança, iniciar-se no processo de ordenar a massa de informação com que a vida o espera. A escola devia ser, portanto, no seu início, formativa, e não informativa.

Dominar os códigos para esse ordenamento da informação é o começo de tudo. Em qualquer esporte coletivo, o atleta só poderá praticar plenamente todo o jogo se dominar seus fundamentos. Ele jamais será, por exemplo, um bom jogador de basquete se não souber como *não andar* ao entrar na *bandeira*, como quicar uma bola sem olhar para ela ou como cobrar um lance livre. Da mesma forma, nenhum ser humano poderá ser educado (ordenar a informação) se não dominar seus fundamentos. A escola teria, então, que desenvolver no seu começo o fundamento da leitura e da escrita, os fundamentos aritméticos (as quatro operações) e as regras básicas de convivência fora da família. Nada mais.

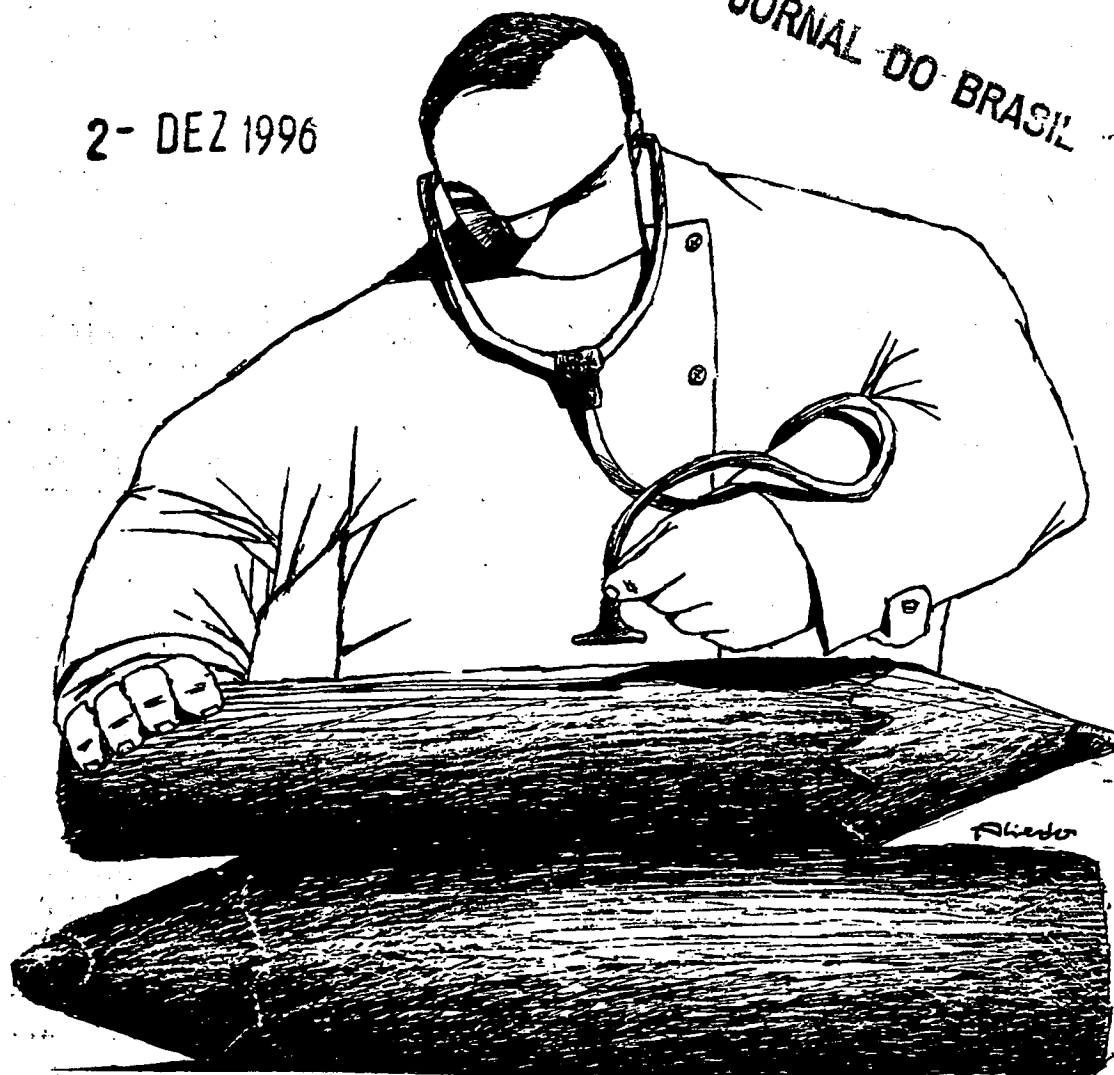
Convencionou-se que são quatro os anos necessários para que a criança esteja preparada para o chamado ciclo médio. Nesses quatro anos a escola ideal deveria entregar ao ciclo seguinte uma criança sabendo ler e escrever como quem respira — e com prazer! —, dominando totalmente as quatro operações (sem angústias ou castigos) e sabendo como respeitar o próximo, na convivência diária. E sem problemas de passar de ano ou de repetência. Os quatro anos primários seriam divididos em tantos ciclos quantos fossem necessários para essa plenitude e a criança poderia completá-los com quatro — ou mais, ou menos — anos de escolaridade. Só isso.

O tom de perplexidade com que o Ministério da Educação informou-nos sobre o caos do ensino básico no Brasil faz lembrar o Princípio de Peter, que diz: “Se você não sabe o que fazer diante de uma evidência, faça uma pesquisa sobre ela”. Enquanto estiver fazendo a pesquisa, você terá uma justificativa para a sua imobilidade.

Há muitos anos, na minha adolescência, procurei o Dr. Amílcar Viana, um sábio brasileiro, médico e sanitarista de Minas, e disse a ele que estava sentindo muitas dores de barriga e convivendo com um péssimo intestino. Ele me perguntou apenas: “De onde você é?”. Informei-lhe que era do Vale do Rio Doce. Ele abriu uma gaveta e me deu dois frascos de remédio. Perguntei-lhe se não ia precisar de fazer exames. E ele me disse: “Não precisa,

2 - DEZ 1996

JORNAL DO BRASIL



meu filho. Você tem esquistossomose e ameba”. Eu tinha. E me curei. É isto: quem quer fazer, faz. Não fica aí, como se dizia — e talvez ainda se diga — na mesma Minas, “conversando goma”.

Nestes últimos 15 anos tenho viajado por todo este Brasil, de Roraima ao Rio Grande, vendo de perto a escola primária brasileira, toda ela. Não é preciso dizer meninos, eu vi para saber o que fazer. Hoje, por onde vou, quase como uma obsessão, só falo disso, porque é desesperador conhecer o país que a gente conhece, vê-lo de perto e perceber que as coisas não estão sendo feitas. (Posso dizer onde estão as muitas e fantásticas exceções).

Já li — e já escrevi isso — em dezenas de revistas brasileiras, especializadas ou não. O que se tem a fazer, com urgência, é “dar ênfase ao ensino básico e pagar salários dignos às professoras”.

Eu acrescentaria que é fundamental um

trabalho permanente de recapitação do quadro docente, uma assistência permanente ao professor, na mesma medida em que uma grande clínica — séria — se relaciona com seu quadro médico. Incluiria nesse trabalho uma urgente formação de monitores para, como missionários, partir por este Brasil participando da recapitação e da valorização pessoal do professor (como Helena Antipoff fez, há 50 anos, em Minas Gerais).

E enquanto esse trabalho estivesse sendo feito, iam-se tapando os buracos do ensino médio e da universidade até que os primeiros alunos dessa nova escola chegassem a esses níveis. A chegada deles ali já seria o começo da grande renovação. Sem videocassetes e sem antenas parabólicas, que chegarão à escola com a naturalidade com que as coisas avançam no mundo.